

MAROVATTO, Mariano. *Inclusive, aliás: a trajetória intelectual de Cacaso e a vida cultural brasileira de 67 a 87*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015, 166 p.

Nívia Maria Santos Silva¹
(UFBA)

O livro *Inclusive, Aliás* de Mariano Marovatto, 7 Letras, 2015, revelou-se uma leitura necessária para mim, principalmente por tratar da trajetória de Antonio Carlos de Brito, um contemporâneo de Bruno Tolentino.

O livro não cita Bruno Tolentino em nenhuma de suas 19 seções, mas em todo momento me incitou associações entre os dois poetas. Tolentino nasce em 1940; Antonio Carlos, em 1944. Tolentino lança seu primeiro livro em 1963; Antonio Carlos, 1967. Além disso, ambos iniciaram na vida literária com o mesmo mentor intelectual e interlocutor crítico: José Guilherme Merquior. Afora

¹ Doutoranda em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. CEP: 40.170-115, Salvador, BA, Brasil, pglebta@ufba.br, niviamvasconcellos@hotmail.com

² Essa declaração pode ser conferida na entrevista *O demonismo sobre a métrica*, concedida por Tolentino a Mauro Trindade. Disponível em < <http://brtolentino.wordpress.com/o-demonismo-sob-a-metrica-1994-entrevista-por-mauro-trindade/> >

essas semelhanças, ambos acabaram por seguir carreira literária e obter recepção crítica diversa. São aproximações e afastamentos como esses que promovem a problematização das questões geracionais.

Podemos dizer que o Antonio Carlos de Brito de *A Palavra Cerzida* se aproxima de Bruno Tolentino na mesma proporção em que o Cacaso a partir de *Grupo escolar* se distancia, sobretudo em *Beijo na boca*. É por causa desse distanciamento que Tolentino faz julgamentos como este: “Antonio Carlos Brito tinha talento, até passar a escrever besteiras com o pseudônimo de Cacaso”².

Por isso, interessou-me, sobremaneira, no livro de Marovatto, a relação consistente de Cacaso com Merquior e a epistolografia como um todo, parte que, a meu ver, é um de seus pontos nevralgicos. Nas cartas de Merquior para Cacaso, muitas de suas orientações, observações e repreensões (sobretudo contra as vanguardas) revelam a cartilha que Tolentino seguiu sem desvios, enquanto Cacaso encontrou atalhos e, mesmo não se libertando completamente da influência do pensamento merquioriano, percorreu uma trajetória bem distinta da qual seu livro de 1967 poderia anunciar.

Falando melhor, podemos dizer que, mesmo fazendo essa curva no meio do caminho, Cacaso, como deixa a entender Marovatto, é crítico ligeiro do concretismo e, por vezes, até da própria poesia dita marginal e da academia, o que soa como resquício da influência de seu importante interlocutor epistolar, mas sua poesia se afastava cada vez mais da costura de sua *Palavra Cerzida*. Em textos, entrevistas e depoimentos de Tolentino, por sua vez, é possível notar que ele continuou devoto não só aos preceitos merquiorianos como também a seu estilo às vezes agressivo/irônico e, ocasionalmente, aumentava ainda mais o tom belicoso, com alvos semelhantes (os concretistas, Marilena Chauí, por exemplo), porém sem o mesmo fôlego analítico de seu mestre.

O livro *Inclusive, Aliás* mostra um Antonio Carlos não apenas poeta mas também letrista e crítico, inclusive, noto que o lado crítico

foi um tanto privilegiado. As colocações de Marovatto deram a sensação de que as agruras e reviravoltas da trajetória intelectual/profissional foram decisivas para as alterações poéticas pelas quais passou sua obra literária, sobretudo o círculo com o qual se relacionava. Convivia com nomes da MPB, como João Bosco, Djavan e Sueli Costa; intelectuais e críticos, como Antonio Candido, Heloísa Buarque de Holanda e Roberto Schwarz; poetas, como Francisco Alvim, Chacal e Ana Cristina Cesar. A esses poetas Tolentino deslegitimava. Com esses críticos, tinha rugas. Da MPB, até gostava, mas num lugar diferente e inferior ao da poesia, e, até onde eu sei, nunca se aventurou em ser letrista. Se a vontade de Cacaso, como ele afirma em um de seus escritos inéditos, “é falar mais mal [de amigos, de parceiros, do convívio artístico] do que bem” (CACASO *apud* MAROVATTO, 2015, p.154), Tolentino não ficou só na vontade.

Algo que me chamou atenção também foi o fato de que Mariano Marovatto cita alguns livros e textos sobre os quais eu também me debrucei nesse processo de pesquisa de doutorado: *Retratos de época*, de Messeder; *Eu, brasileiro, confesso...*, de Barbosa; *26 poetas hoje*, *Esse poetas*, de Holanda; *Ana Cristina Cesar*, de Moriconi, entre outros, como o texto *Nosso verso de pé quebrado* (no qual, inclusive, Cacaso e Heloísa citam tangencialmente BT).

A escrita dele é fluida, os capítulos são curtos, ótimos de ler. O livro tem um acervo documental bem vasto e é abrangente, principalmente quando trata dos pares geracionais de Cacaso e suas influências/interações/desacordos. O autor vai articulando as muitas inserções de trechos de cartas, diários, textos críticos e afins e fazendo emergir aos olhos, como ele mesmo diz, “o diálogo dinâmico [de Cacaso] com seu meio de ação” (2015, p. 157). Dessa forma, nos dá um panorama/mapeamento desses 20 anos de atuação cacasiana.

Em suas linhas, Marovatto organizou e nos apresentou a trajetória de transfiguração do Antonio Carlos de Brito no Cacaso, do poeta no letrista de música popular brasileira, do professor

acadêmico no crítico desobrigado. O autor interfere, é claro, no entanto, mais pela escolha que faz dos trechos que transcreve e destaca do que necessariamente por deixar aparecer seus julgamentos e interpretações. Não parece haver uma problematização do que é apresentado. É no alinhar que a mão de Marovatto se manifesta. A sua intromissão mais explícita vem ao final quando classifica Cacaso como o próprio “Doutor Caneta” (MAROVATTO, 2015, p. 156), ou seja, aquele que “escreve por quem não escreve. Fala por quem não fala.[...] É o estilo de todos, a voz de todos” (CACASO *apud* MAROVATTO, 2015, p. 156), seja lá o que isso signifique.

Marovatto nos informa, logo no início do livro, que da “geração pós-vanguarda”, da qual Antonio Carlos de Brito faz parte, fizeram parte também José Carlos Capinan, com o livro principiante *Inquisitorial*, em 1966, e Francisco Alvim, com o livro inaugural *Sol dos cegos*, em 1968. A ausência do nome de Tolentino entre eles me causou estranheza uma vez que ele preenchia os requisitos para estar entre essa geração que Merquior chamou de “pós-vanguarda”. Ademais, era também ele do convívio do próprio Merquior, que, assim como prefaciou *A palavra cerçada*, de Antonio Carlos, prefaciou também, e antes, *Anulação e outros reparos*, de Bruno Tolentino.

Inclusive, Cacaso conhecia e leu Bruno Tolentino... *Aliás*, em todo momento em que lia o livro, perguntava-me o que Tolentino estava fazendo e onde enquanto tudo isso acontecia no Rio de Janeiro.

Resposta: autoexilado, ensinando em Bristol, publicando livros em inglês e francês, casando-se e divorciando-se, assumindo uma relação homoafetiva, começando a traficar drogas, cumprindo pena em Dartmoor..., ou seja, sem atuação direta no campo literário brasileiro das décadas de 1970 e 1980. Em meio a isso tudo, entretanto, continuou escrevendo seus livros, como *A balada do cárcere*, que só seriam publicados com a sua volta ao Brasil depois de deportado da Inglaterra no início dos anos 1990. Mas essa trajetória é matéria para outro livro e outra resenha...